



## **Preconceito, neutralidade e transmissão transgeracional: apresentação do material clínico**

*Miriam Grynberg Robinson*<sup>2</sup>

Recebo em meu consultório uma paciente que me procura devido à enorme angústia que lhe causa estar grávida de um menino e ao surgimento do pensamento compulsivo de rejeição e maltrato contra o futuro bebê. Sentia profundo desejo de maltratá-lo quando nascesse, mas, ao mesmo tempo, se assustava com seus desejos.

Aline me é encaminhada por uma colega de quem era paciente em terapia de casal. Engravidada durante o processo e entra em pânico quando toma conhecimento de que o filho que espera é um menino. À sua entrada em meu consultório, deparo-me com uma mulher de uma beleza angelical: alta e esguia, cabelo louro, pele branca, olhos claros, feições delicadas, transmitia suavidade embora seu olhar fosse triste. No entanto, quando começa a falar, sinto que seu olhar e sua expressão se endurecem, se transformam e se impregnam de uma raiva que a transborda, sua expressão modifica-se de um modo impressionante. Aline fala de sua rejeição ao menino que carrega dentro de si, do medo que lhe causa sentir vontade de matá-lo, de destruí-lo. Pergunto-lhe: – Com que você associa estas fantasias?

– Com a maioria das relações que tive com homens. Com meu pai, a relação é péssima, não o suporto. Meu irmão sempre foi indiferente, viveu como se eu nunca tivesse existido. Com meu marido... por que você acha que estou em terapia de casal?... Meu marido é um bom homem porque cuida de mim, me trata bem, mas me culpa de usá-lo cada vez que quero ter um bebê, já que temos uma boa vida sexual, mas, quando fico grávida, deixo de ligar pra ele. Se isso acontece comigo, não é consciente. Temos uma filha de dois anos e agora esta nova gravidez.

Ele diz que minha filha e eu vivemos como se fôssemos uma; diz que não pode se relacionar muito com a menina, que eu não lhe dou chance. Eu não lhe dou chance, ele que faça seu esforço. Adoro a menina, mas agora quero dar sumiço neste menino e não posso sentir isso; eu queria ser uma boa mãe. Odeio me ver assim, estou sentindo que enlouqueço ao senti-lo dentro e me dar conta de que, quando nascer, possa maltratá-lo. Não posso me permitir isto, mas não sei como resolvê-lo.

<sup>2</sup> Membro Efetivo da Associação Mexicana de Psicanálise.



Durante algumas sessões mais, Aline continuou falando de seu pânico de machucar o bebê, do impacto de sentir-se assim, da dor em torno da possibilidade de o marido não a apoiar, somente julgá-la. Com estas questões recorrentes, Aline não me dava muita oportunidade de fazer perguntas, as sessões eram preenchidas com esse mesmo material que parecia transbordá-la.

Desde a primeira entrevista havíamos acordado que teríamos cerca de três ou quatro sessões para decidir se trabalharíamos juntas; na quarta sessão, ela me diz: *Fico apavorada que você também me rejeite, já está quase acabando a sessão e você ainda não disse nada sobre trabalharmos juntas ou não.* A paciente deixava-me perplexa. Durante as sessões minhas emoções eram tantas e tão contraditórias, que me sentia paralisada internamente e sem saber que decisão tomar. Ignorava por que ela não permitia que eu entrasse em sua história pessoal. Via uma mulher sofrendo terrível e pungentemente com sua situação atual; ao mesmo tempo, via-lhe a transformação da expressão, de triste e suave, em fria, dura, sinistra mesmo, quando falava de como poderia maltratar seu filho.

O comentário de Aline sobre uma possível rejeição dela por mim me chocou e me levou a perguntar: *Você é frequentemente rejeitada pelos outros, ou é você que tem medo de que sua irritação destrua as relações com eles, neste caso comigo ou com seu bebê que está para nascer?* Ela começa a chorar e responde: – *Não sei. Na verdade nunca me aproximo das pessoas, sinto pânico de que me rejeitem. Isto que acabo de fazer, não sei como aconteceu; nunca pergunto como estou em relação ao outro, não me atrevo.*

Aqui se atreveu. Certamente eu me havia comprometido a tomar uma decisão com ela na terceira ou quarta sessão. O tempo se esgotava; disse-lhe que falaríamos na próxima vez sobre isso, mas que achava importante que tivesse se permitido expressar sua preocupação, já que, talvez, por trás de seu comentário, houvesse o medo de que eu me tornasse a pessoa que a maltrata ao deixá-la na incerteza de mais sessões, ou seja, que a deixaria nascer ou não como paciente minha, similar ao pânico que ela sentiria de não conseguir permitir que seu bebê nascesse. Naquele dia, a paciente chorou muito.

Depois desse evento terapêutico decidi que, embora não me fosse claro o que acontecia com ela e o que acontecia comigo, eu o descobriria ao longo do processo. O que eu sabia é que a sentia profundamente desamparada e assustada, a implorar ajuda desesperadamente, pelo medo de que o transbordamento de sua própria agressão atingisse o ponto de maltratar e destruir seu filho.

Ao chegar à sessão seguinte, Aline me disse: – *Foi muito boa a sessão passada. Estive pensando que efetivamente tenho muito medo de não permitir que meu bebê nasça. Quando você disse que eu tenho medo de não nascer aqui,*



*pensei que não sei se eu nasci na vida. Sempre me sinto à margem de todos. Talvez meu marido esteja certo: é possível que eu, com meus medos, não permita que ninguém se aproxime de mim. Com a única que consegui uma relação de confiança é com minha filhinha, gostaria de continuar assim e que estas sensações não invadam também a relação com ela.*

Depois desta entrevista, resolvi tratá-la. As sessões continuaram e ela pôs-se a falar de seu sofrimento na casa dos pais. Em alguma sessão posterior, enquanto a paciente continuava pensando sobre a intervenção que eu havia feito, comenta:

– *É que eu fui tão rejeitada por meus pais, que certamente por isso não tento me aproximar de ninguém.*

– Por que você não descreve o maltrato vivido com seus pais? – pergunto. Aline olha, fica em silêncio:

– *Como você sabe que me maltrataram? (silencia por um bom tempo). Doutora, é que falar disso dói muito... Meus avós me contam que viam que, desde que eu nasci, meus pais não gostavam de mim. Meus pais diziam que eu tinha nascido feia, embora meus avós me vissem linda. Começaram a ver que eu não crescia, que estava sempre magrinha, que chorava muito e que, cada vez que eles chegavam, a vovó dizia: Esta menina está com fome, é por isso que chora; dava-me comida e eu imediatamente me acalmava. Um dia chegaram e aconteceu a mesma coisa, mas desta vez sujei as fraldas e, quando a vovó foi me mudar, vii, que eu estava cheia de bolhas, a bundinha toda fissurada. Impressionada pelo estado em que me mantinham, discuti com eles. Meus pais disseram: “Não nos importamos com ela, se morrer dá na mesma”. Então a vovó disse: “Deixem-me levá-la”. Eles me entregaram imediatamente, dizendo que eu era insuportável. A partir desse momento (tinha uns dez meses, segundo a vovó) vivi com eles até os sete anos, momento em que meus pais disseram que me queriam de volta em sua casa, que eu era filha deles e não dos avós. Tive que voltar para minha casa com muito sofrimento. Na verdade, chegava da escola, comia em casa de meus pais e ia para a de meus avós pelo resto do dia. Eles moravam a umas quantas casas da de meus pais, por isso voltava somente para dormir.*

Na sessão seguinte Aline recomeça com este mesmo assunto e comenta que seus pais nunca deixaram de rejeitá-la e maltratá-la.

– Como era a rejeição e o maltrato quando voltou a morar com eles?

– Constante, diziam que eu era tola, embora tenha acabado um mestrado em finanças com ótimas notas. E diziam-me que era muito feia, no que eu acreditei totalmente. Por isso, na escola, eu ficava num canto, era quieta, tímida, não falava com ninguém. Na adolescência descobri como estava enganada, porque os homens começaram a se aproximar para minha surpresa. Eu não entendia o que acontecia,



mas todos me elogiavam, diziam que eu estava muito bonita. Foi a primeira vez que tive um registro de que talvez meus pais estivessem enganados. Tive muitos pretendentes, mas, cada vez que algum queria se aproximar fisicamente, eu o deixava. Assim comecei uma vida mais social, pelo menos saía com pessoas e via que essas não me viam como esse monstro que meus pais diziam que eu era.

– Você tem alguma hipótese sobre por que seus pais a rejeitavam de forma tão radical? Faz-se um silêncio sepulcral.

– *Minha história é muito difícil.*

Quando Aline baixa o olhar e torna a me olhar, e quando sinto que algo não lhe permitia contar os fatos, contratransferencialmente volta a sensação paralisante que me invadia nas primeiras sessões; senti-me muito confusa, como se estivesse frente a um segredo não falado. Depois de um longo silêncio, Aline continua:

– *Bem, é que em minha casa existe uma situação com meus avós de que nunca se fala. Acontece que meus avós e meu pai são imigrantes no Chile.*

Quando ela diz isto, sou invadida por uma sensação gelada e penso: o Chile aceitou proteger alguns nazistas após a guerra. Minha sensação, indescritível, só me permite articular: De onde emigraram? Com dificuldade, ela responde: *Da Alemanha*, baixa o olhar e relata:

– *Meu avô foi nazista. Meu pai sempre o rejeitou por isso e, depois de alguns anos de ter emigrado, ele (o pai) apaixonou-se por uma latina. Os pais dele entraram em cólera: como podia se apaixonar por alguém da raça inferior? Ele era um ariano da raça superior e devia se relacionar com alguém como ele.*

O filho não suportava ouvi-los falar assim e continuou com sua namorada, que era uma mulher de físico totalmente latino: baixinha, cabelo castanho escuro, olhos negros, pele morena. Depois de um tempo de guerra, os avós disseram ao pai: “Se você quiser continuar com essa namorada terá que sair de casa”. Ele saiu e casou com ela.

Depois de algum tempo desse casamento, pai e avós reconciliaram-se. Apesar disso, os avós maltrataram a nora durante toda a vida: insultavam-na por seu aspecto físico, pela cor de sua pele, por sua origem; quase não falavam com ela e humilhavam-na constantemente. O primeiro neto herdou a fisionomia da mãe, e os avós não conseguiram suportar isso: amaldiçoaram o filho por ter causado essa desonra familiar e os maus-tratos tornam-se extensivos ao neto. Nesse clima nasce Aline. Ao nascer totalmente ariana, a rejeição recebida pelos pais, dos avós arianos, é depositada nela. Assim, as vítimas dos avós tornam-se os torturadores da paciente. É nesse momento que os avós a resgatam levando-a a morar com eles.

Ao ouvir esse relato fico perplexa, penso que não quero que esta história se



repita, mas também me pergunto: Conseguirei tratar a neta de um nazista? Conseguirei tratar a neta de alguém que talvez tenha torturado alguém da minha família? Por outro lado, via diante de mim uma mulher sofrendo e suplicando ajuda, com quem havia me comprometido a trabalhar. Tratá-la parecia-me impossível, mas já a tinha aceito em tratamento. Que fazer? Enquanto pensava em tudo isto, as ideias e os sentimentos me confundiam, eram ambíguos, se aglomeravam, me transbordavam.

– *É verdade que você é judia?* – pergunta. Permaneço sem palavras, em silêncio tentando recuperar-me.

– *Acho que você é judia, pelo seu sobrenome e, na verdade, eu sempre escolho com quem me tratar pela sua origem judia.*

– Por quê?

– *Não sei, sinto que confio neles, sinto que são pessoas que sabem entender a dor do outro e que sabem ajudar os outros.*

A sessão havia chegado ao fim, eu estava esgotada, confusa, assustada por não poder colocar em ordem meus sentimentos, preocupada por não saber o que fazer. Decidi, então, levar o caso para supervisão.

Na supervisão, começamos a considerar a dificuldade que representaria deixá-la depois de ter começado o tratamento e, ao mesmo tempo, a dificuldade em continuá-lo, isto é, a dificuldade de poder tornar-me ou seu carrasco ou sua vítima. Debatíamos o que fazer quando minha supervisora disse: – Miriam, se lermos os fatos com atenção, ela é a judia da história. Isto me fez pensar em Aline de tal maneira que senti que me seria possível tentar continuar o tratamento sem machucá-la. Sabia que não seria simples, que ambas teríamos que trabalhar profundamente nosso mundo interior. Perguntava-me se poderia realmente ajudá-la, ao mesmo tempo pensava que ela não tinha feito mal a ninguém. Era Aline que fora colocada como vítima de sua família e que, desesperadamente, buscava ajuda para não repetir com seu bebê o que acontecera com ela. Nesse bebê que ainda não havia nascido já estavam depositados ódios, violência, destruição; era um ser inocente que carregaria a história de três gerações cheias de ódio. Esta mulher desejava interromper a transmissão dessa destrutividade em sua família e me escolhera para ajudá-la.

Decidi, pois, continuar apesar da dificuldade que isso representava para mim, e começamos a trabalhar tudo o que estava depositado nesse bebê: sua confusão, sua intolerância à diferença, como ela aprendera que devia eliminar o diferente, humilhá-lo, rejeitá-lo, torturá-lo. Aline confessou-me sua confusão entre o bom e o mau no mundo. Contou-me como o avô descia todas as tardes para um tipo de bunker que tinha construído em sua casa para ali beber e chorar pela



Alemanha nazista. E perguntava-me:

– *O vô está errado ou é meu pai que está errado? Nunca quis entender a história política do vô e o que ele fez na guerra. Ele me resgatou, mas sei que matou e feriu muitos, entre eles meu pai, minha mãe e meu irmão.*

– Como entender isto sem enlouquecer? disse-lhe.

– *Não sei o que meus pais vêem em mim. Quem eles vêem?* pergunta chorando.

– Talvez vejam o vô, respondi.

– *Sinto que meus pais me odeiam, mas começo a entender que, talvez sim, você está certa, não odeiam a mim, mas o que vêem em mim, que é ele.*

Trabalhamos muito como os pais não podiam vê-la, e ela dizia:

– *Sinto-me vazia de mim, talvez por isso não consiga falar da posição que tenho na vida. Minha vida é uma confusão. Sou a filha de meus avós, ou sou sua neta? Sou o pai de meu pai, ou sou sua filha? Conseguirei ver meu filho em meu filho, ou todos eles?*

Continuamos trabalhando assim até que a paciente deu à luz. Depois de uns três meses recebi uma ligação sua. Disse-me que estava bem com o bebê e agradeceu muito tudo o que havíamos feito juntas. Ela percebia que a havia resgatado, não somente impedindo-a de machucar seu bebê, mas que se sentia muito melhor consigo mesma, embora sabendo que ainda havia muito a trabalhar. Acrescentou que, assim que estivesse mais organizada em relação aos horários do bebê e da menina, voltaria a me ligar. Não voltou. Fica a pergunta: O que aconteceu? Por que não voltou?